

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

JOANNE DE BITTENCOURT FRAGA

**VALORES DISCURSIVOS DO MARCADOR *DO PONTO DE VISTA (DE)*:
PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

PORTO ALEGRE

2019

JOANNE DE BITTENCOURT FRAGA

**VALORES DISCURSIVOS DO MARCADOR *DO PONTO DE VISTA (DE)*:
PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Goldnadel

PORTO ALEGRE
2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha mãe, Jurema, por ter sido meu verdadeiro porto seguro durante toda a minha vida; sem o carinho e os conselhos dela eu não teria me mantido firme durante o percurso da graduação. Quero agradecer ao meu pai, Paulo, por ter sempre me incentivado a estudar muito para conquistar o meu lugar. Tenho certeza que além do meu próprio gosto pelos livros, o empurrãozinho dele nessa jornada foi indispensável. Quero também agradecer ao meu namorado, Giovani, por ter sempre me dito palavras sensatas, quando precisei de apoio e conselhos, e por ter sempre acreditado em mim. Ter tido a presença dele comigo durante os cinco últimos semestres do curso foi um presente muito grato que a vida me deu. À minha amiga, Júlia, por ter sido a minha companheira desde o início da graduação, que sempre me motivou nos bons e maus momentos, e por ter sido, muitas vezes, a pessoa que mais me inspirava confiança e coragem. À minha amiga, Néfer, que mesmo distante de mim nesse último semestre, por causa das circunstâncias acadêmicas, sempre se preocupou comigo e me deu todo o apoio do mundo. Ao Lucas, à Thielle e à Ivana, meus amigos desde o começo da graduação, por me mostrarem o significado da palavra empatia, sempre me ajudando com os questionamentos acadêmicos e os questionamentos da vida. Aos meus amigos Igor e Juliana, por terem me mostrado que é possível se aproximar de pessoas especiais e até mesmo fazer novas amizades no fim do curso. À Paloma, por ter se mostrado muito mais que uma colega de área de estudo, mas sim uma amiga de verdade. Tive muita sorte de poder contar com alguém como ela, que entende tão bem meus anseios e que pode me ajudar através da própria experiência. À professora Lia, por ter sido uma das professoras que mais marcou minha trajetória acadêmica. Por causa da professora e pessoa incrível que ela é, a aula dela era a melhor parte do meu dia. Por último, mas definitivamente não menos importante, ao meu orientador, professor Marcos Goldnadel, só posso agradecer por ter acreditado no meu potencial desde o começo da nossa jornada de iniciação científica. Agradeço também por ter sido sempre muito didático, paciente e, acima de tudo, humano comigo. Sem ele eu jamais teria descoberto o quão maravilhoso é o mundo da Pragmática, nem teria evoluído tanto como pesquisadora. O conhecimento que ele carrega consigo é visivelmente proporcional ao seu amor por lecionar e pesquisar.

RESUMO

Marcadores discursivos são elementos da linguagem verbal que têm a função de estabelecer relações entre elementos do discurso, colaborando para a sua organização ou para a interação entre interlocutores. Este trabalho investiga as propriedades discursivas do marcador discursivo *do ponto de vista (de)*. O objetivo principal é identificar que funções esse marcador exerce nos contextos em que aparece. Para tanto, adota o modelo de análise encontrado em Van Kuppevelt (1995a, 1995b, 1996). De acordo com esse modelo, o discurso organiza-se a partir de estruturas de tópico e comentário. A análise proposta procura identificar o papel do marcador *do ponto de vista (de)* no interior dessa estrutura. A observação preliminar indica que é possível que o marcador *do ponto de vista (de)* esteja exercendo uma função de introdução de novo comentário qualitativo. Ou seja, o marcador *do ponto de vista (de)* parece, nos casos analisados, servir para sinalizar que o falante pretende, com sua contribuição conversacional, apresentar conteúdos destinados a justificar uma posição assumida em um comentário quantitativo ou comentário qualitativo prévios.

PALAVRAS-CHAVE: Marcador discursivo. Estrutura informacional. Tópico. Comentário.

ABSTRACT

Discourse markers are verbal language elements which have the function of establishing relations among discourse elements, collaborating for their organization or for the interaction between interlocutors. The present work investigates the discursive properties of the discourse marker *do ponto de vista (de)*. The main objective is to identify what functions this marker performs in the contexts in which it appears. To do so, it adopts the analysis model found in Van Kuppevelt (1995a, 1995b, 1996). According to this model, discourse is organized from topic structures and commentary. The proposed analysis seeks to identify the role of the marker *do ponto de vista (de)* within this structure. The preliminary observation indicates that it is possible that *do ponto de vista (de)* marker is performing a new qualitative comment input function. In other words, the marker *do ponto de vista (de)* seems, in the analyzed cases, to serve to indicate that the speaker intends, with his/her conversational contribution, to present contents destined to justify a position assumed in a previous quantitative or qualitative comment.

KEYWORDS: Discourse marker. Information structure. Topic. Comment.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

MD: marcador discursivo

F: *feeder*, termo que significa “alimentador do discurso”.

Q: pergunta explícita, ou seja, que foi enunciada.

A: resposta explícita.

<Q>: pergunta implícita, ou seja, que não foi enunciada.

<A>: resposta implícita.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1	Os marcadores discursivos	9
2.2	A estrutura tópico e comentário	11
3	METODOLOGIA	22
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

A fala estrutura-se e veicula sentidos que têm a ver com funções dentro do discurso. Algumas dessas funções são sinalizadas por elementos da linguagem verbal, referidos, por muitos autores, como marcadores discursivos¹. Os MDs são unidades de sentido que, justamente por extrapolarem o campo do sentido semântico sentencial, são importantes objetos de estudo na área de Pragmática. Esses elementos articulam segmentos do discurso falado, realizando funções semântico-pragmáticas que provocam diferentes efeitos de sentido, a depender, evidentemente, do marcador utilizado e do contexto.

Alguns exemplos de MDs bastante conhecidos no Português Brasileiro são “agora”, “então” e “bem”. De acordo com Silva e Macedo (1996), uma função proeminente do “agora” é iniciar uma argumentação, podendo apresentar uma ideia contrária ao conteúdo do discurso que o precede. Segundo as mesmas autoras, o MD “então” atua estabelecendo sequência no discurso; já o MD “bem” tanto inicia uma argumentação quanto preenche a pausa que se antecede antes de um novo trecho de discurso.

A lista de marcadores discursivos de uma língua costuma ser extensa. No português, além dos marcadores discursivos acima mencionados, é possível encontrar muitas outras expressões que parecem exercer algum papel na organização do discurso. Recentemente, o projeto de pesquisa a que estou vinculada como bolsista de Iniciação Científica passou a investigar as propriedades da expressão *do ponto de vista (de)* a partir da análise de um corpus (ainda limitado) composto por entrevistas de rádio e televisão, todas elas sobre temas da política e da economia. A análise da expressão *do ponto de vista (de)* nesse corpus sugere, de fato, tratar-se de um marcador discursivo, dadas as peculiaridades de seu uso.

Para reforçar a ideia de que *do ponto de vista (de)* trata-se de um MD, realizamos ainda uma comparação de frequências entre essa expressão e uma palavra de valor nocional no corpus constituído. A palavra nocional escolhida foi “político”. Mesmo sendo uma expressão nocional (e não funcional), esperava-se que, considerando o tema das entrevistas que compõem o corpus, ela aparecesse em grande quantidade de vezes. Se a expressão *do ponto de vista (de)* superasse a palavra “político” em ocorrências, teríamos uma boa indicação de que se trata de uma palavra de valor funcional. No corpus, a palavra “político” aparece 10 vezes, enquanto a expressão *do ponto de vista (de)* aparece 21 vezes, evidenciando um elevado uso do marcador. Esse resultado

¹ A partir desse ponto, os marcadores discursivos serão frequentemente referidos como MDs.

dá força à ideia de que *do ponto de vista (de)* integra o inventário de expressões funcionais, das quais os MDs são uma parte.

Diante da confirmação da alta incidência do uso da palavra funcional *do ponto de vista (de)* e, por considerar que se trata de um marcador discursivo, por ser um articulador dentro da fala, de modo que provoque diferentes efeitos de sentido dependendo do seu contexto de uso, entende-se ser necessário descobrir quais seriam as suas funções semântico-pragmáticas. Assim como os marcadores já explorados pela literatura linguística têm suas funções estabelecidas, tais como “agora”, “então” e “bem”, o marcador *do ponto de vista (de)* também precisa ser contemplado.

Para tanto, a base teórica adotada para identificar o valor semântico-pragmático do marcador discursivo *do ponto de vista (de)* se sustenta no conceito de estrutura tópico e comentário, abordada por Van Kuppevelt (1995a, 1995b, 1996). Ao compreender as funções de trechos de discurso, tomando Van Kuppevelt como base, torna-se possível estudar qual seria o valor semântico-pragmático do MD *do ponto de vista (de)*. Os conceitos pertinentes a essa estrutura, que auxiliam no entendimento do valor semântico-pragmático do marcador em estudo, são: *feeder*, tópico discursivo, tópico sentencial e comentário.

Logo, o presente trabalho objetiva definir ao menos um valor semântico-pragmático para o marcador discursivo *do ponto de vista (de)*, de modo que fique claro que seu uso na fala é um importante recurso de articulação, tanto quanto os demais MDs já reconhecidos pela literatura linguística. Além disso, ao utilizar Van Kuppevelt como base para a análise feita em torno do MD em estudo, pretende-se mostrar como a estrutura Tópico e Comentário colabora para a identificação do seu valor semântico-pragmático.

Sendo assim, este trabalho estrutura-se da seguinte forma: o capítulo dois apresenta o referencial teórico, o qual explicita as características gerais dos marcadores discursivos e apresenta a estrutura tópico-comentário que sustenta os valores semântico-pragmáticos do MD *do ponto de vista (de)*; o capítulo três apresenta a metodologia, em que é explicado como a análise qualitativa de dados foi feita; o capítulo quatro ilustra a análise dos resultados, através das duas amostras de trechos de fala; o capítulo cinco apresenta as considerações finais, em que há comentários a respeito da análise e das perspectivas de estudo futuro.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Os marcadores discursivos

Deborah Schiffrin, no capítulo em que escreve sobre marcadores discursivos, denominado “Discourse Markers: Language, Meaning, and Context”, no livro *The Handbook of Discourse Analysis* (2001), define o que são os MDs, baseada em sua primeira obra sobre o assunto, *Discourse Markers* (1987). Schiffrin (2001) aborda a relação entre coerência e marcadores discursivos, procurando apresentar uma definição para MDs em seu primeiro livro sobre o assunto, em 1987.

Schiffrin (2001, p. 54) defende que, para produzir um discurso coerente, é necessário que os falantes recorram a um conhecimento gramatical baseado em código. A autora apresenta os marcadores discursivos como um conjunto de termos linguísticos capazes de estabelecer a relação de coesão do discurso, dentro de seu domínio expressivo e social. Alguns dos exemplos que fazem parte de seu estudo são as expressões *well, but* e *y'know*, respectivamente traduzidas como *bem, mas* e *você sabe* em português.

Além disso, Schiffrin (1987a, p. 31 apud SCHIFFRIN, 2001, p. 57) define marcadores discursivos como elementos sequencialmente dependentes, que suportam unidades de conversa, não sendo obrigatoriamente itens de enunciados iniciais, que funcionam em relação ao texto ou à conversa em progresso. A autora propõe que eles podem ser conjunções (e.g. *mas*), interjeições (e.g. *ai!*), advérbios (e.g. *agora*) ou frases lexicalizadas (e.g. *você sabe*).

Embora Schiffrin apresente uma definição inicial de marcadores, essa definição parece ainda insuficiente, ou seja, não permite diferenciar de modo mais preciso de outros elementos de caráter mais expressivo. Outros autores que procuram sanar essa carência são Mercedes Sanfelice Riso, Giselle Machline de Oliveira e Silva e Hudinilson Urbano. No capítulo em que escrevem sobre os “Traços dos marcadores discursivos”, no livro *Gramática do português culto falado no Brasil* (2006), fazem um estudo para tentar identificar as propriedades básicas dos MDs, a fim de defini-los apropriadamente.

Apesar da ampla literatura a respeito do assunto, Riso, Silva e Urbano (2006) ponderam que:

[...] no rastreamento de dados bibliográficos disponíveis, não se observa a preocupação ou o consenso quanto à determinação da natureza e propriedades dos marcadores, como base para o delineamento de sua especificidade com relação a outros mecanismos de fundo discursivo que, embora possam apresentar pontos

comuns com os marcadores, nem sempre são passíveis de serem enquadrados entre eles. (p. 404)

Ou seja, a partir dos estudos disponíveis, não se encontra uma conclusão sobre a natureza e as propriedades dos marcadores discursivos, para poder delimitar quando uma palavra ou expressão é MD ou quando apresenta outra função no discurso. Além disso, os autores explicam que existem muitas dessas palavras ou expressões que se assemelham através de algumas características com os marcadores discursivos, mas não o suficientemente para serem definidos como MDs.

Sendo assim, para resolver esse problema, os autores fizeram um estudo procurando identificar os traços potenciais ou traços fortes que caracterizam os marcadores discursivos. Esse estudo consistiu em: selecionar uma série de palavras que venham sendo consideradas marcadores discursivos (e.g. agora, né, mas, quer dizer); fazer um levantamento do total bruto de suas ocorrências; fazer um levantamento também de suas ocorrências em relação a variáveis (padrão de recorrência, articulação de segmentos do discurso, orientação da interação, relação com o conteúdo proposicional, transparência semântica, apresentação formal, relação sintática com a estrutura gramatical da oração, demarcação prosódica, autonomia comunicativa e massa fônica), que foram selecionadas em função do seu aparecimento na literatura linguística e na própria experiência dos autores com os MDs. Esse levantamento teve o objetivo de, a partir de cada variável considerada, identificar os traços característicos dos MDs, portanto, definindo-os.

Os oito traços encontrados pelos autores foram: 1) alta recorrência, 2) exterioridade ao conteúdo proposicional, 3) transparência semântica parcial, 4) independência sintática, 5) invariabilidade formal, 6) demarcação prosódica, 7) não autonomia comunicativa e 8) massa fônica reduzida. Desses oito, seis traços fortes apresentam relação com o marcador em estudo: alta recorrência, exterioridade ao conteúdo proposicional, transparência semântica parcial, invariabilidade formal, demarcação prosódica e não autonomia comunicativa. Os traços que não apresentaram compatibilidade com o MD em estudo foram a independência sintática e a massa fônica reduzida; a primeira não é compatível porque o *do ponto de vista (de)* integra-se à estrutura oracional, já a segunda não é compatível porque o MD em estudo tem uma massa fônica não reduzida, já que tem mais de três sílabas tônicas (critério estabelecido para caracterizar um MD com a massa fônica não reduzida). Em relação à alta recorrência, ao analisar dados contendo o marcador em estudo, percebe-se que ele é usado com frequência; em relação à exterioridade ao conteúdo proposicional, o MD em estudo não contribui com o conteúdo sentencial; em relação à transparência semântica parcial, o MD em estudo perdeu um

pouco do seu sentido lexical; em relação à invariabilidade formal, a expressão varia apenas quando o falante opta por usar uma locução adjetiva no lugar de um adjetivo, o que evidencia a cristalização do MD; em relação à demarcação prosódica, através da análise de entrevistas de TV e de rádio, percebe-se que há uma entonação diferente quando o MD é pronunciado no discurso; e em relação à não-autonomia comunicativa, o MD em estudo não é capaz de constituir um enunciado em si mesmo. Abaixo, segue uma tabela que apresenta a disposição dos traços encontrados pelos autores e compatíveis com o marcador *do ponto de vista (de)*.

Tabela 1: comparação entre traços dos marcadores discursivos e da expressão *do ponto de vista (de)*.

Traços dos marcadores discursivos	Traços compatíveis com o <i>do ponto de vista (de)</i>
Alta recorrência	Sim
Exterioridade ao conteúdo proposicional	Sim
Transparência semântica parcial	Sim
Independência sintática	Não
Invariabilidade formal	Sim
Demarcação prosódica	Sim
Não autonomia comunicativa	Sim
Massa fônica reduzida	Não

(fonte: elaborado pelo autor)

Tanto a identificação dos traços mais fortes dos marcadores discursivos, proposta por Risso, Silva e Urbano (2006), quanto a contribuição de Schifffrin (2001) certamente ajudam a esboçar uma definição para a classe dos marcadores discursivos. Além disso, tendo um parâmetro das duas contribuições, torna-se mais clara a compreensão a respeito do que são de fato os MDs.

2.2 A estrutura tópico e comentário

Van Kuppevelt, em seus artigos *Discourse structure, topicality and questioning* (1995a), *Main Structure and Side Structure in Discourse* (1995b) e *Directionality in Discourse Prominence Differences* (1996), discute como a topicalidade organiza o discurso, sendo capaz de conferir-lhe coerência. Van Kuppevelt considera organizar o discurso a partir de uma estrutura informacional chamada tópico e comentário; essa estrutura discursiva forma-se

através de *feeders*, tópicos discursivos, tópicos sentenciais e comentários, sendo essas funções correlacionadas entre si. Van Kuppevelt aborda também a satisfação de subquestões dentro da estrutura tópico e comentário; essas subquestões dão suporte aos conceitos de questões quantitativas e qualitativas.

Segundo Van Kuppevelt, o *feeder* é o enunciado capaz de motivar um conjunto de perguntas em torno de um determinado assunto em uma conversa; ele pode ser um evento linguístico ou não-linguístico. Sendo assim, é necessário compreender a diferença de um *feeder* linguístico e não-linguístico; o *feeder* linguístico se caracteriza por haver a presença de um enunciado. Abaixo, segue um exemplo contendo um *feeder* linguístico.

Exemplo 1:

F1 A: Ontem à noite uma bomba explodiu perto do Palácio de Westminster.

[Tópico discursivo: ataque com bomba perto do Palácio de Westminster]

Q1 B: Quem fez o ataque?

A1 A: Um grupo de estrangeiros já bem conhecido.

Q2 B: Por que eles fizeram o ataque?

A1 B: Porque eles são terroristas.²

No exemplo 1, A inicia a conversa com B em F1, ou seja, introduzindo o *feeder* através do enunciado “Ontem à noite uma bomba explodiu perto do Palácio de Westminster.” Logo, por se tratar de um *feeder*, F1 será responsável por motivar uma sequência de perguntas, como as que foram suscitadas por B em Q1, “Quem fez o ataque?”, e em Q2, “Por que eles fizeram o ataque?”. Por motivar uma sequência de perguntas, o *feeder* qualifica-se como o elemento discursivo responsável por estabelecer um tema ou um assunto para a conversa (como mostrado nos colchetes logo após F1 e antes de Q1), o que em termos de Van Kuppevelt é chamado de tópico discursivo. Nessa perspectiva, o tópico discursivo caracteriza-se como uma ideia capaz de ativar um conjunto de possíveis questionamentos virtuais em torno de um assunto. Neste caso, os dois questionamentos estão expressos em Q1 e Q2, que são, portanto, desenvolvimentos do tópico discursivo “ataque com bomba perto do Palácio de Westminster”.

Já os *feeders* não linguísticos têm uma forma de manifestação diferente dos *feeders* linguísticos, caracterizando-se por um evento, percebido por pelo menos um dos participantes,

² Exemplo adaptado de Van Kuppevelt (1995a, p. 119)

que acontece no momento da conversa, motivando perguntas a seu respeito, como mostrado no exemplo abaixo.

Exemplo 2:

F1: “*Bang*”.

Q1 B: O que é isso?

A1 A: O Bill está chegando em casa.

Q2: Mas ele sempre bate a porta com essa força?

A2: Não. Só quando está brabo.³

No exemplo 2, F1 inicia a conversa de A e B. Diferentemente do exemplo 1, F1 não se trata de um enunciado, mas sim de um barulho percebido por B. Logo após o *feeder* ser instaurado pelo barulho, B faz uma pergunta (Q1) a A sobre esse som. O barulho em questão foi produzido por outra pessoa que não está participando da conversa como locutor ou interlocutor. Sendo assim, é possível afirmar que o barulho produzido por essa terceira pessoa foi capaz de motivar um conjunto de perguntas virtuais, expressas por Q1 e Q2, que dão seguimento à conversa entre A e B. Essa conversa desenvolve-se em torno do tópico discursivo estabelecido pelo *feeder* não linguístico.

Contudo, embora os *feeders* não linguísticos sejam bem comuns no discurso, Van Kuppevelt opta por analisar os *feeders* linguísticos. Ao escolher os *feeders* linguísticos para análise, Van Kuppevelt esclarece a sua função como sendo a de “(...) iniciar ou reiniciar o processo de questionamento no discurso. O *feeder* deve ser introduzido quando o contexto está vazio ou quando não existem mais perguntas induzidas pelo contexto precedente e os participantes do discurso desejam continuar a conversa.” (VAN KUPPEVELT, 1995a, p. 120) Ou seja, o *feeder*⁴, como o próprio nome sugere, alimenta as conversas; ele é o ponto de partida do assunto, que é iniciado ou reiniciado em uma conversa. Abaixo, segue mais um exemplo que ilustra a função do *feeder*.

Exemplo 3:

F1 A: Mary está de férias.

[1º tópico discursivo: férias da Mary]

³ Exemplo adaptado de Van Kuppevelt. (1995a, p. 119)

⁴ Considerando que Van Kuppevelt opta por analisar apenas *feeders* linguísticos, a partir daqui, sempre que houver a palavra *feeder*, pressupõe-se que são os *feeders* linguísticos.

Q1 B: Quando ela saiu?

A1 A: Ontem.

F2 A: Amanhã, depois de muitos anos, George vai se candidatar a um novo emprego.

[2º tópico discursivo: candidatura de George a um novo emprego]

Q2 B: Por quê?

A2 A: Um concorrente da companhia para qual ele trabalha o convidou para se candidatar à vaga de assistente administrativo.

No exemplo 3, F1 atua como o ponto de partida para a conversa, que antes não existia. O primeiro tópico discursivo, “férias da Mary”, situado logo após F1, suscita um conjunto de questionamentos virtuais a seu respeito, sendo um deles expresso em Q1. Já F2 é um novo ponto de partida no interior da mesma conversa, porque o assunto instaurado por F1 já havia sido encerrado e porque os participantes envolvidos no discurso desejaram continuar a conversa. O segundo tópico discursivo, “candidatura de George a um novo emprego”, situado logo após F2, suscita um conjunto de questionamentos virtuais a seu respeito, sendo um deles expresso em Q2. Van Kuppevelt argumenta que os *feeders* são responsáveis por alimentar um contexto vazio, seja iniciando uma conversa, seja dando continuidade à conversa quando o tópico discursivo precedente se esgota (por decisão dos interlocutores), motivando, portanto, um conjunto virtual de perguntas em torno de um determinado assunto. Logo, usando os termos propostos por Van Kuppevelt, o assunto instaurado pelo *feeder* em uma conversa é o tópico discursivo. Esse tópico discursivo estabelece os limites dos tópicos sentenciais a serem expressos pelos enunciados.

O tópico sentencial é uma pergunta associada ao tópico discursivo (instaurada pelo *feeder*), destinada a eliminar alguma incerteza relativa a ele. Essa pergunta pode ser explícita ou implícita. Abaixo, é apresentado um exemplo de tópico sentencial com pergunta explícita.

Exemplo 4:

F1 A: Ontem à noite eu recebi muitas ligações.

[Tópico discursivo: ligações recebidas por A]

Q1 B: Quem ligou para você?

A1 A: John, Peter e Harry me ligaram.

No exemplo 4, a partir do *feeder*, representado em F1, o tópico discursivo “ligações recebidas por A”, representado entre colchetes após F1 e antes de Q1, é estabelecido, motivando

uma pergunta explícita, conforme apresentada em Q1. Essa pergunta Q1 tem a intenção de esclarecer uma dúvida em relação ao assunto da conversa, ou seja, ao tópico discursivo. Utilizando os termos propostos por Van Kuppevelt, essa pergunta é um dos tópicos sentenciais relacionados ao tópico discursivo. Como dito anteriormente, o tópico sentencial está expresso por uma pergunta. No caso do exemplo acima, caso a conversa se estendesse, e B perguntasse “por que eles ligaram para você?”, essa nova pergunta seria mais um tópico sentencial motivado pelo tópico discursivo “ligações recebidas por A”, ou seja, mais uma dúvida a ser esclarecida em função do assunto da conversa.

As perguntas explícitas, evidentemente, aparecem nos diálogos e são definidas como explícitas quando são efetivamente realizadas nas trocas entre locutores e interlocutores. No exemplo 4 acima, as perguntas são desse tipo. Já as perguntas implícitas aparecem tanto em diálogos quanto em monólogos e são definidas como implícitas quando o locutor supõe que sejam dúvidas de interesse dos seus interlocutores, sem de fato terem sido realizadas. Abaixo, é apresentado um exemplo com tópicos sentenciais com a suposição de suas perguntas implícitas.

Exemplo 5:

F1 A: Hoje os trabalhadores da divisão de computadores da *Philips* entraram em greve.

[Tópico discursivo: greve dos trabalhadores da divisão de computadores da *Philips*]

<Q1>⁵ <Por quê?>

A1: Eles estão muito preocupados com os planos de nova economia dos gerentes.

<Q2> <Por quê?>

A2: De acordo com esses planos, os gerentes iriam considerar mudar a seção de produção para o exterior.

No exemplo 5, por não haver interação de A com outros participantes, nota-se que trata-se de um monólogo. Assim, através do *feeder*, representado por F1, A inicia seu discurso com o enunciado “Hoje os trabalhadores da divisão de computadores da *Philips* entraram em greve”. Esse *feeder* instaura o tópico discursivo da conversa, que é “greve dos trabalhadores da divisão de computadores da *Philips*”, situado logo após F1 e antes de <Q1>. É em torno desse tópico discursivo que estão as perguntas implícitas, ou seja, os tópicos sentenciais apresentados em

⁵ É pertinente lembrar que os parênteses angulares, representados por <>, indicam que as perguntas não foram efetivamente feitas, mas sim supostas pelo locutor.

<Q1> e <Q2>. Essas perguntas implícitas são apenas dúvidas que o locutor supõe que possam interessar ao interlocutor, mas não são perguntas que foram efetivamente realizadas.

Conforme os exemplos 4 e 5, é possível notar que os tópicos sentenciais exploram o tópico discursivo. No exemplo 4, o tópico discursivo “ligações recebidas por A” é estabelecido pelo *feeder* “Ontem à noite eu recebi muitas ligações”. Assim, o tópico sentencial composto pela pergunta explícita “Quem ligou para você?” caracteriza-se por explorar o tópico discursivo. No exemplo 5, o tópico discursivo “greve dos trabalhadores da divisão de computadores da *Philips*” é estabelecido a partir do *feeder* “Hoje os trabalhadores da divisão de computadores da *Philips* entraram em greve”. Assim, os tópicos sentenciais expressos pelas duas ocorrências da pergunta implícita <Por quê?> caracterizam-se por explorar o tópico discursivo estabelecido.

Assim como há uma relação direta entre *feeder*, tópico discursivo e tópico sentencial, há esse tipo de relação também entre tópico sentencial e comentário. Sendo assim, segundo Van Kuppevelt, o comentário caracteriza-se de forma mais simples, sendo então basicamente a resposta ao tópico sentencial (seja ele expresso por pergunta explícita, seja ele expresso por pergunta implícita). Para tanto, serão retomados a seguir os exemplos 4 e 5 (usados anteriormente para ilustrar a função de tópico sentencial), para apresentar o comentário funcionando diretamente em relação ao tópico sentencial. Primeiramente, será retomado o exemplo 4.

Exemplo 4 (retomado):

F1 A: Ontem à noite eu recebi muitas ligações.

Q1 B: Quem ligou para você?

A1 A: John, Peter e Harry me ligaram.

No exemplo 4, como mencionado anteriormente, tem-se que o tópico sentencial é a pergunta explícita apresentada em Q1. Considerando que o comentário é a resposta ao tópico sentencial, tem-se então que o comentário é A1. Ainda, caso o diálogo se estendesse, e B perguntasse “por que eles ligaram?”, tem-se que o comentário seria a resposta a essa pergunta. Logo, abaixo, segue o exemplo 5 retomado.

Exemplo 5 (retomado):

F1 A: Hoje os trabalhadores da divisão de computadores da *Philips* entraram em greve.

<Q1> <Por quê?>

A1: Eles estão muito preocupados com os planos de nova economia dos gerentes.

<Q2> <Por quê?>

A2: De acordo com esses planos, os gerentes iriam considerar mudar a seção de produção para o exterior.

[...]

No exemplo 5, como mencionado anteriormente, tem-se que os tópicos sentenciais são as perguntas implícitas apresentadas em <Q1> e <Q2>. Considerando que o comentário é a resposta ao tópico sentencial, tem-se então que o primeiro tópico sentencial, representado por <Q1>, tem A1 como seu comentário, enquanto o segundo tópico sentencial, representado por <Q2>, tem A2 como seu comentário.

Além dos conceitos de organização discursiva da estrutura tópico e comentário explicitados acima, Van Kuppevelt aborda também outros assuntos em relação a essa estrutura. Esses assuntos são as questões quantitativas e qualitativas, tratadas a partir da satisfação de subquestões dentro da estrutura informacional retratada. Primeiramente, Van Kuppevelt (1995a, p. 123) define subquestões como “questões que não têm autonomia no discurso”, pois dependem da existência de uma pergunta superordenada na estrutura do discurso. A função dessas subquestões é satisfazer uma questão motivada por algum comentário, realizando-se da seguinte forma:

Quando uma questão que constitui o tópico for respondida insatisfatoriamente, ela dará origem a uma subquestão que, se também for respondida insatisfatoriamente, dará origem a uma subquestão adicional, e assim recursivamente, até a original, a questão que constitui o tópico, ser respondida satisfatoriamente. (VAN KUPPEVELT, 1995a, p.123)⁶

Ou seja, um comentário que não responde satisfatoriamente ao tópico estabelecido gera automaticamente um subtópico que deverá ser satisfeito por um novo comentário subordinado ao comentário principal. Essas perguntas também podem ser explícitas ou implícitas. Abaixo, segue um exemplo de questão principal e suas subquestões.

Exemplo 6:

⁶ When a topic-constituting question has been answered unsatisfactorily, gives rise to a further subquestion, and so on recursively, until the original, topic-constituting question has been answered satisfactorily.

F1: A: Mary está preocupada.

Q1 B: Por quê?

A1: A: O marido dela, John, quer comprar um gravador de áudio.

Q2 B: Por que ela está preocupada com isso?

A2 A: Ela está preocupada com isso porque ele não tem dinheiro suficiente, então ele vai ter que pedir emprestado.

Q3 B: Por que isso é um problema?

A3 A: Ele já tem um monte de dívidas.

No exemplo 6, o tópico discursivo da conversa é “preocupação da Mary”. B faz a sua pergunta em relação a esse tópico em Q1, para esclarecer sua dúvida a seu respeito. A responde a pergunta Q1 em A1, mas B não tem a sua questão respondida satisfatoriamente. Então, B faz outra pergunta, representada em Q2, com o propósito de satisfazer a pergunta feita em Q1. Essa pergunta Q2 se caracteriza como a primeira subquestão do diálogo, enquanto a Q1 se caracteriza como pergunta superordenada. Assim, A responde a pergunta Q2 de B em A2, mas B ainda não considera sua questão Q1 respondida satisfatoriamente. Logo, B ainda faz mais uma pergunta, representada por Q3, para tentar novamente satisfazer a pergunta feita em Q1. Essa pergunta, Q3, caracteriza-se como a segunda subquestão do diálogo. Finalmente, A responde a pergunta Q3 em A3, e por não haver uma nova subquestão de B, subentende-se que, com a resposta à subquestão Q3, B teve a sua pergunta Q1 respondida. Ademais, supondo que as perguntas acima fossem implícitas, a dinâmica do discurso se comportaria da mesma forma.

Além de ilustrar a função das subquestões em um discurso, o exemplo 6 mostra que elas apresentam relações diretas e indiretas entre si. Logo, considerando o exemplo 6, Van Kuppevelt (1995a, p. 124) explica que: “a subquestão Q2 é uma subquestão direta da questão que constitui o tópico em Q1. A subquestão Q3, por outro lado, é uma subquestão direta da subquestão Q2, mas uma questão indireta à questão que constitui o tópico, Q1.” Sendo assim, a forma como a questão principal (Q1) se relaciona com a subquestão que a sucede (Q2) é direta, enquanto com a subquestão seguinte (Q3) é indireta. Já a relação entre as subquestões (Q2 e Q3) é direta, porque uma sucede a outra.

Quanto à natureza da insatisfação das perguntas, Van Kuppevelt afirma que podem ser quantitativas ou qualitativas. As perguntas quantitativas surgem quando não são suficientemente respondidas, porque, conforme Van Kuppevelt (1995a, p. 125) explica: “nem todos os elementos do conjunto do tópico definido pela pergunta foram especificados pela primeira resposta”, ou seja, quando faltarem informações, em relação à quantidade de um

conjunto de elementos, para obter uma resposta satisfatória, e for necessário fazer subquestões. Abaixo, segue um exemplo de subquestão quantitativa.

Exemplo 7:

F1 A: Ontem Harry, Paul e minha tia vieram na festa do meu aniversário.

Q1 B: O que você ganhou deles?

A1 A: Do Paul eu ganhei um livro e do Harry, flores.

Q2 B: E a sua tia, o que você ganhou dela?

A2 A: Da minha tia eu não ganhei nada.

No exemplo 7, A inicia a conversa em F1 falando da festa do seu aniversário, comentando que três pessoas foram, Harry, Paul e sua tia. O tópico discursivo da conversa, que se estabelece a partir de F1, é a “festa de aniversário de A”. B pergunta o que A ganhou de presente em Q1. A responde em A1 o que ganhou de Harry e de Paul, ou seja, de duas das três pessoas que ele comentou que foram ao seu aniversário. Em termos de Van Kuppevelt, B, por não haver informação suficiente a respeito dos três “elementos” do conjunto do tópico discursivo através da primeira resposta (A1), tendo assim sua pergunta Q1 respondida de forma insatisfatória, faz a pergunta Q2, que se caracteriza por ser uma pergunta quantitativa. Essa pergunta quantitativa Q2 demanda mais informação de A, visto que B espera uma resposta completa.

Quanto às perguntas qualitativas, Van Kuppevelt (1995a, p. 125) afirma que elas surgem quando “um ou mais elementos especificados pela primeira resposta precisam de elucidação”, ou seja, diferentemente das questões quantitativas, que precisam de uma resposta completa em relação a um conjunto de elementos, as questões qualitativas demandam o esclarecimento de uma resposta. Para tanto, Van Kuppevelt subdivide essas questões em dois tipos: subquestões orientadas à adequação e subquestões de resolução de discrepância. No caso das subquestões orientadas à adequação, a resposta caracteriza-se como insatisfatória pois é considerada insuficiente, em termos de precisar de mais informações para ser totalmente compreendida. Abaixo, segue um exemplo de uma subquestão qualitativa do tipo subquestões orientadas à adequação.

Exemplo 8:

F1 A: Amanhã é o aniversário do Harry.

Q1 B: O que seria considerado um presente adequado para ele?

A1 A: Um presente adequado para ele seria uma chave inglesa.

Q2 B: O que é isso?

A2 A: É um tipo de ferramenta com a qual se pode afrouxar ou apertar porcas e parafusos de vários tamanhos.

Q3 B: Por que isso seria um presente adequado para ele?

A3 A: Ele recentemente veio pedir uma emprestada para mim.

No exemplo 8, A inicia a conversa em F1 comentando sobre o aniversário de Harry. B pergunta em Q1 qual presente A acha que seria adequado dar para Harry, então A responde qual seria esse presente em A1: uma chave inglesa. No entanto, a resposta de A em A1 não é satisfatória, porque B não sabe o que é uma chave inglesa. Sendo assim, B recorre a uma subquestão qualitativa, perguntando a B, em Q2, o que é uma chave inglesa, visto que a resposta dada em A1 é insuficiente por B não conhecer a sugestão de presente. Então, A explica em A2 o que é uma chave inglesa. B consegue compreender o que é uma chave inglesa a partir da resposta em A2, mas ainda assim não consegue compreender por que esse seria um presente adequado para Harry. Sendo assim, B recorre novamente a uma subquestão qualitativa, perguntando em Q3 por que esse seria um presente adequado, porque ele não tem informação suficiente em A1 nem em A2 para compreender o motivo sozinho. Assim, A responde em A3 que Harry pegou sua chave inglesa emprestada, evidenciando que, por pedir esse objeto emprestado a alguém, ele estaria precisando de um e não o tem, então, por esse motivo, esse seria um presente apropriado para Harry. Nessa situação, a dificuldade de B entender, logo a partir da primeira resposta dada por A, por que uma chave inglesa seria um presente adequado para Harry, é tanto porque B não sabe o que é uma chave inglesa quanto porque A não dá informações suficientes para B compreender sozinho o motivo de esse ser um presente adequado; ou seja, A e B não compartilham o mesmo conhecimento prévio, então B não consegue entender a sugestão de A. Logo, as subquestões qualitativas apresentadas em Q2 e Q3 não teriam sido feitas caso B soubesse o que é uma chave inglesa e que Harry pegou uma emprestada com A, que são ambas informações que A já tinha previamente. Assim, essas perguntas evidenciam que B tentou esclarecer a resposta dada por A em A1.

Enquanto isso, o outro tipo de questões qualitativas, as subquestões de resolução de discrepância, caracteriza-se a partir da “detecção da discrepância de uma resposta com uma dada informação contextual e/ou conhecimento prévio compartilhado” (Kuppevelt, 1995a, p. 127). Ou seja, essa discrepância trata-se de uma quebra de expectativa, a partir de um

conhecimento prévio compartilhado. Abaixo, segue um exemplo de subquestão qualitativa do tipo subquestão de resolução de discrepância.

Exemplo 9:

F1 A: Ontem o Peter comprou algo que você não esperaria.

Q1 B: O que ele comprou que eu não esperaria?

A1 A: Um novo computador pessoal.

Q2 B: Por que ele não comprou o meu computador?

(O fato é: ele prometeu que compraria.)⁷

A2 A: Ele não comprou o seu computador porque preferiu um novo no fim das contas.

No exemplo 9, A inicia a conversa em F1 motivando B a fazer a pergunta a respeito de algo que B não espera que Peter tenha comprado. B pergunta em Q2 o que Peter comprou que B não esperaria. A responde que é um computador, e B faz uma subquestão qualitativa, em Q2, porque teve sua expectativa quebrada a respeito de Harry comprar seu computador, assim como explicado nos parênteses logo após Q2. A sabia que Harry tinha prometido comprar o computador de B, logo, eles compartilhavam esse conhecimento prévio. Assim, A inicia a conversa já sabendo disso, e B pergunta em Q2 o motivo de Harry não ter comprado seu computador para tentar resolver a discrepância que surgiu no momento em que B descobre que Harry não fez o que disse que faria, portanto, quebrando a sua expectativa.

A abordagem teórica que Van Kuppevelt propõe para uma análise estrutural da organização do discurso apresentada nesta seção colabora para uma compreensão dos movimentos discursivos realizados por interlocutores que permite identificar de modo mais claro o papel dos marcadores discursivos em textos escritos e falados. Neste trabalho realiza-se uma análise do marcador discursivo *do ponto de vista (de)* levando em consideração a estrutura tópica proposta por Van Kuppevelt.

⁷ Nos parênteses apresentados nesse exemplo, trata-se de uma explicação em relação ao contexto da conversa, que ajuda a compreender o efeito da subquestão de resolução de discrepância.

METODOLOGIA

Esta monografia apresenta dois trechos de fala contendo a expressão *do ponto de vista (de)*, transcritos de programas jornalísticos de televisão e de rádio, apresentados entre o ano de 2017 e 2018. Considerando a variedade de programas nessas duas modalidades, foram estabelecidos dois critérios para a coleta de dados. O primeiro critério diz respeito ao discurso apresentado, que deveria ser mais formal e com maior monitoramento de fala; o segundo diz respeito aos temas tratados nos programas, que deveriam ser de natureza social.

Para tanto, é importante ressaltar que os critérios estabelecidos para a coleta de dados surgiram após a observação empírica de contextos em que o marcador em estudo, *do ponto de vista (de)*, costuma aparecer. Esses contextos eram ambientes em que os participantes eram pessoas mais intelectualizadas.

Sendo assim, após determinar esses contextos e ouvir as entrevistas e as conversas apresentadas nos programas, a próxima etapa foi a transcrição dos trechos de fala; a transcrição dos diálogos foi feita de modo que se tornasse possível identificar a relação existente entre o que foi dito anteriormente – considerando também a pergunta que pode ter sido feita pelo entrevistador – com o trecho em que o marcador discursivo *do ponto de vista (de)* é utilizado. O cuidado em transcrever trechos antecedentes ao MD tem relação direta com a sua função semântico-pragmática, porque ele retoma um comentário quantitativo, dando suporte a ele através de comentários qualitativos. Caso o diálogo não apresentasse o trecho retomado, não seria possível compreender como o marcador discursivo em estudo funciona.

A transcrição dos trechos de fala das entrevistas e conversas de programas de televisão e de rádio foi feita no *Word*, no programa da *Microsoft Office*. Foram ouvidos vídeos retirados da Internet: dos sites próprios dos programas de rádio, do *Facebook*, do *YouTube* e até mesmo pelo aplicativo *Sound Cloud*. Ao total, somando-se todos os vídeos, foram contabilizadas aproximadamente quatro horas de fala a ser transcrita. Após a transcrição, foi feita uma análise qualitativa baseada na estrutura de tópico e comentário, proposta por Van Kuppevelt (1995a, 1995b, 1996). Para tanto, foi feita a identificação da organização do discurso em termos de estrutura informacional, tais como reconhecimento de *feeders*, tópicos discursivos, tópicos sentenciais e comentários.

Como etapa final, foi realizada a identificação da função discursiva da expressão *do ponto de vista (de)* em cada trecho. Cabe ressaltar que o conjunto de trechos apresentados neste trabalho é limitado, mas a partir dele é possível definir uma função semântico-pragmática comum aos dois trechos.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresenta-se uma análise qualitativa de ocorrências da expressão *do ponto de vista (de)*, a fim de identificar a sua função discursiva. É importante esclarecer que o conjunto de trechos aqui apresentados ainda é limitado, de modo que as conclusões apresentadas são ainda preliminares e sujeitas à revisão. Além disso, essas suposições deverão ser submetidas a apreciação mais detida em trabalho futuro.

4.1 Marcador de introdução de comentário qualitativo

Esta seção apresenta a análise de dois trechos de fala coletados do corpus que contêm o marcador discursivo *do ponto de vista (de)*. Essas amostras ilustram como os conceitos apresentados por Van Kuppevelt podem ser aplicados em conversas reais para fazer análises. No entanto, diferentemente dos exemplos apresentados por Van Kuppevelt, extraídos de textos escritos ou construídos especialmente para a sua análise, os casos aqui considerados são de trechos de língua falada, que se caracterizam por interrupções, correções, o que dificulta a análise em função da ocorrência de fenômenos intervenientes. Dito de outro modo, a dinamicidade do discurso falado, com seus “acidentes”, dificulta a identificação de elementos (*feeder*, tópico, comentário) que, na análise de textos escritos ou construídos, se destacam de modo mais evidente.

Assim, ainda que haja esses “acidentes”, comuns ao discurso espontâneo (por não se prever o que os falantes dirão, diferentemente dos exemplos construídos), a estrutura tópico e comentário apresenta-se como adequada para servir como uma perspectiva de análise para a descoberta de uma função semântico-pragmática de um marcador discursivo. Nas análises aqui apresentadas, ainda sobre uma quantidade limitada de casos, já parecem sugerir uma primeira função discursiva para o marcador investigado.

Há de se considerar que os conceitos de “comentário quantitativo” e “comentário qualitativo” são adaptados de Van Kuppevelt (1995^a, 1995b, 1996). Primeiramente, trabalhamos com comentário, porque como a estrutura trata-se de “tópico e comentário”, entende-se que se os tópicos (ou seja, as questões e subquestões) apresentam caráter quantitativo e qualitativo, o mesmo serve para seus respectivos comentários, que estão atrelados a eles. Assim, o comentário quantitativo se caracteriza como um comentário que responde uma pergunta mais objetiva, que demanda uma resposta menos detalhada, tal como “sim ou não”,

“x ou y”. Por outro lado, o comentário qualitativo se caracteriza como um comentário que responde uma pergunta mais dissertativa, que demanda uma resposta mais detalhada, tal como um “porque (...)”. Além disso, os comentários aqui ilustrados apresentam mais de um enunciado, podendo conter múltiplos comentários (exemplo: comentário quantitativo e qualitativo) em uma única resposta. Levando isso em consideração, torna-se possível compreender as análises abaixo.

O primeiro trecho de fala, retirado do programa de televisão Canal Livre, apresentado pela Rede Bandeirantes, trata de assuntos de natureza social, mais especificamente de política. Já o segundo trecho de fala foi retirado do programa de rádio Gaúcha Atualidade, apresentado pela Rádio Gaúcha, e trata de assuntos também de natureza social. Abaixo segue o primeiro trecho de fala contendo o marcador *do ponto de vista (de)*, bem como a análise da conversa, utilizando os termos de Van Kuppevelt⁸, descoberta por mim e pelo meu orientador, Marcos Goldnadel.

1º Trecho de Fala:

F A: Tem um ponto que é importante, que é o tempo de televisão. O Alckmin levou uma grande vantagem no tempo de televisão.

[TÓPICO DISCURSIVO: VANTAGEM DE MAIS TEMPO DE TELEVISÃO]

[Tópico Sentencial]

Q1 A: O tempo de televisão pode definir uma situação muito melhor pro Alckmin?

[Comentário quantitativo]

A1 B: Eu acho que o ex-governador Alckmin marcou um gol importante com essa articulação, de receber esse apoio que ele recebeu pra aumentar o tempo de televisão.

[Tópico Sentencial]

<Q2>: <Por que vai definir uma situação melhor?>

[Comentário qualitativo]

A2 B: Agora, com todo, digamos assim, todo passo que você dá, no sentido positivo, tem uma dimensão crítica. Ele vai ter que explicar pro eleitor a aliança com o centrão e o que isso significa.

[Tópico Sentencial]

<Q3> <Por que vai ter que explicar para o eleitor?>

⁸ Justamente por ser uma análise baseada em Van Kuppevelt, em vez de utilizar “P” para pergunta e “R” para resposta, utilizaremos “Q” de *question* e “A” de *answer*, tal como utilizado nos exemplos do autor.

[Comentário qualitativo]

A3 B: O Paulino tá lembrando uma coisa importante: as pessoas tão muito mais informadas e mais conscientes agora, e cobrando mais, não é? Então esse vai ser um elemento forte de cobrança.

[Tópico Sentencial]

<Q4> <Por que vai definir uma situação melhor?>

[Comentário qualitativo]

A4 B: Agora, eu diria que *do ponto de vista* analítico, no conjunto dos candidatos, o Alckmin demonstrou uma capacidade de articulação que o Ciro não teve, que o Bolsonaro na direita, mesmo com os partidos de direita, ele não conseguiu.

O primeiro trecho de fala apresenta o falante A iniciando a conversa, introduzindo o *feeder* em F1 através do enunciado “Tem um ponto que é importante, que é o tempo de televisão. O Alckmin levou uma grande vantagem no tempo de televisão.” Com esse enunciado, o *feeder* instaura o tópico discursivo da conversa, “vantagem de mais tempo de televisão”. A partir desse tópico discursivo, “vantagem de mais tempo de televisão”, um conjunto de perguntas virtuais são motivadas com a finalidade de esclarecer dúvidas referentes a esse tema. Essas perguntas virtuais são expressas nos tópicos sentenciais representados por Q1, <Q2>, <Q3> e <Q4>. Assim, o primeiro tópico sentencial é caracterizado pela pergunta Q1 que o falante A faz a B: “o tempo de televisão pode definir uma situação muito melhor pro Alckmin?”. Com esse tópico sentencial, o falante A respeita o limite de tema para a conversa estabelecido pelo tópico discursivo. O comentário quantitativo a esse tópico sentencial Q1 é expresso em A1, quando o falante B responde: “eu acho que o ex-governador Alckmin marcou um gol importante com essa articulação, de receber esse apoio que ele recebeu pra aumentar o tempo de televisão.” A partir da metáfora “marcou um gol” no trecho “Alckmin marcou um gol importante com essa articulação”, presente no comentário A1, pode-se compreender que o falante B quer dizer que sim, que ele acredita que o tempo de televisão pode definir uma situação muito melhor para o Alckmin.

A partir da resposta presente em A1, tem-se uma série de comentários: A2, A3 e A4. Essa continuação (representada em A2, A3 e A4) tem o objetivo de justificar o comentário quantitativo A1, constituindo, portanto, um trecho de comentários qualitativos. Os comentários qualitativos, que se seguem a um comentário quantitativo, nada mais são que ponderações destinadas a avaliar a plausibilidade da opinião inicialmente expressa. A situação esperada, portanto, é aquela em que os comentários qualitativos colaboram para a aceitação do comentário

quantitativo. Nada impede, no entanto, que, entre os comentários qualitativos, apareçam conteúdos com uma direção argumentativa oposta, ou seja, que, ao invés de reforçar o ponto defendido, enfraquecem-no. Baseado no conhecimento de falante nativo, sabe-se que esse tipo de movimento discursivo não deve causar surpresa, uma vez que, principalmente em textos de caráter argumentativo, é comum, e até mesmo esperado, que o falante cogite a existência de pontos de vista contrários aos seus. É exatamente isso que acontece no trecho aqui analisado.

Em <Q2>, é possível inferir o primeiro tópico sentencial, <Por que vai definir uma situação melhor?>. Esse tópico sentencial funciona como uma pergunta qualitativa para justificar o comentário quantitativo em A1, que foi um sim (o tempo de televisão pode definir uma situação muito melhor para o Alckmin), expresso através da metáfora “marcou um gol importante”. Ao responder que sim, espera-se que o falante B reforce sua opinião, mas ele faz o contrário, optando por iniciar seus comentários qualitativos por uma ponderação contrária ao seu ponto de vista: “agora, com todo, digamos assim, todo passo que você dá, no sentido positivo, tem uma dimensão crítica. Ele vai ter que explicar pro eleitor a aliança com o centrão e o que isso significa”. Digno de nota é o fato de que esse trecho inicia com outro marcador discursivo, o advérbio *agora*. Embora não seja o foco deste trabalho, pode-se perceber que esse marcador cumpre aqui a função de mudar a orientação argumentativa esperada. Nesse comentário qualitativo A2, o falante B justifica que essa vantagem de mais tempo de televisão irá definir uma situação pior para Alckmin, que terá que justificar suas alianças “duvidosas” (tal como a do centrão, que é simplesmente um conjunto de partidos políticos sem ideologia definida, que visa a garantir suas próprias vantagens). Ou seja, esse comentário justificaria uma opinião contrária à expressa no comentário quantitativo inicial em A1.

Em <Q3>, é possível inferir o segundo tópico sentencial qualitativo, <Por que vai ter que explicar para o eleitor?>. Esse tópico sentencial também funciona como uma pergunta qualitativa, só que dessa vez para justificar o comentário qualitativo respondido em A2. Assim, o falante B faz um comentário qualitativo em A3, para justificar o comentário qualitativo em A2: “O Paulino tá lembrando uma coisa importante: as pessoas tão muito mais informadas e mais conscientes agora, e cobrando mais, não é? Então esse vai ser um elemento forte de cobrança.” A partir do conteúdo do comentário qualitativo A3, entende-se que Alckmin vai ter que explicar suas alianças para seus eleitores porque, atualmente as pessoas estão mais informadas, críticas e conscientes. Com isso, encerra-se o trecho em que o falante sugere que a existência de um elemento forte de cobrança seria uma justificativa para a ideia de que o tempo a mais de televisão pode ser pior para o Alckmin.

Em <Q4>, é possível inferir o terceiro e último tópico sentencial do trecho em análise, <Por que vai definir uma situação melhor?>. Esse tópico sentencial, tal como <Q2> e <Q3>, também funciona como uma pergunta qualitativa, com a intenção de finalizar sua série de comentários qualitativos. A justificativa expressa no comentário qualitativo A4 é a seguinte: “agora, eu diria que *do ponto de vista* analítico, no conjunto dos candidatos, o Alckmin demonstrou uma capacidade de articulação que o Ciro não teve, que o Bolsonaro na direita, mesmo com os partidos de direita, ele não conseguiu.” Percebe-se aqui que o comentário começa novamente com o marcador discursivo *agora*, indicando que o falante B inverte a direção argumentativa de seu comentário qualitativo de volta para a original, que é sim (o tempo de televisão pode definir uma situação muito melhor para o Alckmin). Ao inverter a direção argumentativa de volta para a sua direção original, o falante B reforça então sua opinião exposta em A1, demonstrando que Alckmin “marcou um gol importante” porque, ao conseguir mais tempo de televisão, ele “demonstrou uma capacidade de articulação” que seus concorrentes não tiveram.

O comentário em A4, além de apresentar o marcador discursivo *agora*, apresenta também o marcador *do ponto de vista*. Esse marcador, seguido do adjetivo “analítico”, tem a função de introduzir o comentário qualitativo presente em A4, que justifica o comentário quantitativo presente em A1. Por causa dessa função, optou-se por chamá-lo de marcador de introdução de um novo comentário qualitativo. Contudo, nota-se que, mesmo sem a presença do marcador *do ponto de vista (de)*, é possível introduzir comentários qualitativos, evidenciando que o marcador não é indispensável para essa função. De todo modo, percebeu-se que esse MD é usado como recurso para introduzir uma nova justificativa, quase como se significasse “e agora vou dizer mais uma coisa sobre esse assunto.” Essa necessidade de justificar, inserindo comentários qualitativos, explica-se porque o falante procura explicar e detalhar sua resposta, para colaborar com a aceitação do comentário quantitativo, a fim de que seu interlocutor a tome como verdade e acredite no que o locutor diz. No caso de programas de entrevista, os detalhamentos se explicam também porque quanto mais explicado for o assunto, por mais tempo se mantém a conversa.

2º Trecho de Fala:

F1 A: Queremos explicar a posição do partido em relação às privatizações e, mais especificamente, em relação a esse plebiscito.⁹

⁹ O contexto dessa entrevista apresenta uma breve introdução a respeito de um plebiscito sobre privatizações. A partir de F1, o *feeder* da conversa em curso é de fato instaurado.

[TÓPICO DISCURSIVO: POSIÇÃO DO PARTIDO EM RELAÇÃO ÀS PRIVATIZAÇÕES E AO PLEBISCITO]

Q1 A: Qual é a posição do PT hoje em relação ao plebiscito? Contra ou a favor?

A1 B: [Comentário quantitativo] Nós, na verdade, somos declaradamente contrários às privatizações [Comentário qualitativo] e somos também, digamos assim, suficientemente inteligentes para entender que esse é um momento muito delicado pro debate político. E, obviamente, não é o melhor momento pra nós fazermos esse debate com a sociedade gaúcha, enfim, sobre os rumos do estado, as prioridades do estado. [Comentário quantitativo] Nós somos contra o plebiscito [Comentário qualitativo] por esta razão, porque nós entendemos que este não é o momento mais adequado pra fazer esse debate.

Q2 A: Mas qual seria o momento adequado, deputado Zimmermann, considerando-se que o plebiscito foi posto na constituição exatamente pra que a população possa decidir?

<Q2’>: <Por que agora não é o momento adequado para o plebiscito?>

A2’ B: [Comentário qualitativo] Olha só, Rosane, nós estamos no quarto ano de um governo que escolheu a crise como justificativa para todas as suas incompetências. O quarto ano de um governo que sistematicamente utilizou a crise como um instrumento de governo e, portanto, é um momento que, [Novo comentário qualitativo] *do ponto de vista* da opinião pública, é um momento em que a população está mobilizada por uma ideia falaciosa deste governo, que instrumentalizou as dificuldades do estado pra justificar o conjunto das suas incompetências e das suas escolhas políticas e, portanto, este não é o momento adequado pra que nós possamos fazer este debate com a tranquilidade com que ele precisa ser feito.

O segundo trecho de fala apresenta o falante A iniciando a conversa, introduzindo o *feeder* em F1 através do enunciado “Queremos explicar a posição dos partidos em relação às privatizações e, mais especificamente, em relação a esse plebiscito.” Com esse enunciado, o *feeder* instaura o tópico discursivo duplo da conversa, “posição do partido em relação às privatizações e ao plebiscito”. A partir desse tópico discursivo, “posição do partido em relação às privatizações e ao plebiscito”, um conjunto de perguntas virtuais são motivadas com a finalidade de esclarecer dúvidas referentes a esse tema. Essas perguntas virtuais são expressas nos tópicos sentenciais representados por Q1, Q2 e <Q2’>. O primeiro tópico sentencial é caracterizado pela pergunta Q1 que o falante A faz a B: “qual é a posição do PT hoje em relação

ao plebiscito? Contra ou a favor?”. Com esse tópico sentencial, o falante A estabeleceu que o assunto a ser tratado a seguir, que faz parte do tópico discursivo, diz respeito ao plebiscito. No entanto, é possível afirmar que está implícita na pergunta qual seria a opinião do falante B também sobre as privatizações, porque o plebiscito diz respeito a elas. Já o comentário a esse tópico sentencial Q1 é expresso em A1, “nós, na verdade, somos declaradamente contrários às privatizações e somos também, digamos assim, suficientemente inteligentes para entender que esse é um momento muito delicado pro debate político. E, obviamente, não é o melhor momento pra nós fazermos esse debate com a sociedade gaúcha, enfim, sobre os rumos do estado, as prioridades do estado. Nós somos contra o plebiscito por esta razão, porque nós entendemos que este não é o momento mais adequado pra fazer esse debate”.

O trecho do comentário A1, “nós, na verdade, somos declaradamente contrários às privatizações [...]”, é um comentário quantitativo, que responde o tópico sentencial estabelecido pelo falante A em Q1, mostrando que a posição do seu partido é abertamente contra as privatizações. A continuação desse trecho, em A1, “[...] e somos também, digamos assim, suficientemente inteligentes para entender que esse é um momento muito delicado pro debate político. E, obviamente, não é o melhor momento pra nós fazermos esse debate com a sociedade gaúcha, enfim, sobre os rumos do estado, as prioridades do estado.”, é um comentário qualitativo, que justifica o comentário quantitativo posterior, “nós somos contra o plebiscito [...]”. Assim, tem-se que o falante B inverteu a ordem dos comentários, justificando sua resposta do trecho quantitativo (que é a de ser contra o plebiscito), antes de dizer se é contra ou a favor. Assim, tem-se que no trecho “[...] e somos também, digamos assim, suficientemente inteligentes para entender que esse é um momento muito delicado pro debate político. E, obviamente, não é o melhor momento pra nós fazermos esse debate com a sociedade gaúcha, enfim, sobre os rumos do estado, as prioridades do estado.” o falante B justifica que o Brasil está passando por um momento muito delicado, e que então esse não é o melhor momento para fazer um plebiscito, sendo então a opinião do partido contra, como expresso em “nós somos contra o plebiscito [...]”. Ainda, após esse comentário quantitativo, tem-se no trecho do comentário A1 mais um comentário qualitativo: “[...] por esta razão, porque nós entendemos que este não é o momento mais adequado pra fazer esse debate.”, em que o falante B justifica novamente porque o partido é contra o plebiscito. Sendo assim, no comentário A1, tem-se um comentário quantitativo, para responder que o partido é contra as privatizações, depois tem-se uma estrutura mais complexa de analisar: um comentário qualitativo que justifica sua resposta antes de responder qual é a posição do partido (se contra ou a favor), depois um comentário quantitativo explicitando essa posição e, finalmente, mais um comentário qualitativo

justificando novamente essa posição. Cabe lembrar aqui que, ainda que esse tipo de estrutura seja mais difícil de analisar, ela é recorrente no discurso falado.

Em Q2, o falante A motiva um segundo tópico sentencial (representado em 2), “mas qual seria o momento adequado, deputado Zimmermann, considerando-se que o plebiscito foi posto na constituição exatamente pra que a população possa decidir?”. A partir desse tópico sentencial Q2, o falante A quer que o falante B explique então qual seria o momento adequado para fazer um plebiscito, já que ele justificou que o momento atual não seria o momento ideal, devido à situação política do país. Além disso, o falante A também deixa explícito que tem uma opinião contrária à do falante B, porque enquanto o falante B deixa bem claro que seu partido é contra, ao responder a posição do seu partido como sendo contra e justificar o motivo, o falante A, ao dizer em Q2 que “[...] considerando-se que o plebiscito foi posto na constituição exatamente pra que a população possa decidir?”, deixa claro um fato: que o plebiscito é um direito da população. Então, infere-se que ele acredita que, independentemente da situação política do país, cabe também à sociedade decidir.

No entanto, o falante B não faz o que seria esperado dele: ele não faz um comentário quantitativo em A2, explicando para o falante A quando seria o momento adequado, nem um comentário qualitativo justificando por que esse seria o momento adequado. O falante B opta, então, por ignorar o tópico sentencial motivado pelo falante A em Q2. Sendo assim, pode-se inferir um novo tópico sentencial <Q2’>, que funciona como uma pergunta qualitativa, expressa em <Por que agora não é o momento adequado para o plebiscito?>, para continuar respondendo o que ele já havia começado a dizer em A1. Assim, tem-se o comentário A2’: “olha só, Rosane, nós estamos no quarto ano de um governo que escolheu a crise como justificativa para todas as suas incompetências. O quarto ano de um governo que sistematicamente utilizou a crise como um instrumento de governo e, portanto, é um momento que, *do ponto de vista* da opinião pública, é um momento em que a população está mobilizada por uma ideia falaciosa deste governo, que instrumentalizou as dificuldades do estado pra justificar o conjunto das suas incompetências e das suas escolhas políticas e, portanto, este não é o momento adequado pra que nós possamos fazer este debate com a tranquilidade com que ele precisa ser feito.”

No trecho expresso em A2’, “olha só, Rosane, nós estamos no quarto ano de um governo que escolheu a crise como justificativa para todas as suas incompetências. O quarto ano de um governo que sistematicamente utilizou a crise como um instrumento de governo e, portanto, é um momento que, [...]” tem-se um comentário qualitativo, que responde o tópico sentencial que foi inferido em <Q2’>. Esse comentário quer dizer que esse não é o momento adequado para fazer um plebiscito porque o governo justifica tudo com crise, inclusive a possibilidade de

privatizar. Na outra parte do trecho expresso em A2', "*do ponto de vista* da opinião pública, é um momento em que a população está mobilizada por uma ideia falaciosa deste governo, que instrumentalizou as dificuldades do estado pra justificar o conjunto das suas incompetências e das suas escolhas políticas e, portanto, este não é o momento adequado pra que nós possamos fazer este debate com a tranquilidade com que ele precisa ser feito", tem-se um novo comentário qualitativo, que justifica por que o fato de o governo justificar tudo com crise faz esse momento não ser o adequado para um plebiscito: porque a população está influenciada pelas ideias falaciosas do governo, ou seja, por não ser verdade o que o governo diz, as pessoas podem acabar tomando uma decisão equivocada sob influência dessas ideias. Nota-se que o comentário A2' apresenta o marcador discursivo investigado, *do ponto de vista (de)*, ligando dois comentários qualitativos.

O comentário em A2' apresenta o marcador *do ponto de vista* associado ao seu comentário qualitativo. Esse marcador, seguido da locução substantiva "da opinião pública", tem a função de introduzir um novo comentário qualitativo em A2', justificando o comentário presente em A1. Então, nesse trecho de fala, também se trata de um marcador de introdução de novo comentário qualitativo. Novamente nota-se que, mesmo sem a presença do marcador *do ponto de vista (de)*, é possível introduzir comentários qualitativos, evidenciando que o marcador não é indispensável para essa função, mas que funciona como recurso para introduzir uma nova justificativa, conforme observado no trecho anterior.

Ao concluir a análise dos dois trechos coletados do corpus que contêm o marcador discursivo *do ponto de vista (de)*, é possível notar como os conceitos de Van Kuppevelt possibilitam fazer uma análise interessante, capaz de sustentar a função semântico-pragmática encontrada neste estudo. Conforme apresentado na parte introdutória desta seção, apesar dos "acidentes" comuns ao discurso espontâneo (por não se prever o que os falantes dirão, diferentemente dos exemplos construídos), a estrutura tópico e comentário realmente apresenta-se como adequada para servir como uma perspectiva de análise para a descoberta da função semântico-pragmática, marcador de introdução de um novo comentário qualitativo, do marcador discursivo *do ponto de vista (de)* na quantidade limitada de casos aqui apresentados.

A partir da análise dos trechos de fala acima, nota-se que os comentários qualitativos foram essenciais para fazer a conversa render. Os entrevistados estavam em programas de televisão e de rádio, respectivamente, e não poderiam simplesmente responder as perguntas feitas pelos entrevistadores sem dar maiores detalhes. São os detalhes que enriquecem uma conversa, ou seja, os comentários qualitativos em torno dos comentários quantitativos.

Já a função semântico-pragmática do marcador discursivo *do ponto de vista (de)* só foi suposta, baseada nos casos apresentados neste trabalho (ainda em número limitado), porque foi feita uma análise de trechos selecionados a partir da estrutura tópico e comentário de Van Kuppevelt, e foi notável que o marcador funciona muito bem como recurso para introduzir um novo comentário qualitativo, ainda que isso possa ser feito sem a sua adição. Ao longo da pesquisa a respeito dos marcadores discursivos, tem-se levantado a hipótese de que o marcador *do ponto de vista (de)* pode ter outras funções, o que sugere a necessidade de dar continuidade à investigação de suas propriedades pragmático-discursivas. Ainda assim, ter consolidado resultados que mostram o MD *do ponto de vista (de)* tendo ao menos uma função própria, que é a de marcador de introdução de novo comentário qualitativo, considerando que ele não é contemplado na literatura linguística, é gratificante e de fato instiga a continuar procurando suas outras possíveis funções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu apresentar uma contribuição para a área de Pragmática, ao analisar a função semântico-pragmática de um marcador discursivo que, segundo observações empíricas, tem sido usado mais frequentemente no português brasileiro. Assim, o marcador discursivo, *do ponto de vista (de)*, devido ao notável aumento da frequência de seu uso, levantou-nos o questionamento sobre qual função ele estaria cumprindo. Propusemo-nos, então, à realização de uma análise que pudesse identificar a função exercida por esse MD.

Assim, a análise que possibilitou definir a função do marcador discursivo investigado parte da perspectiva da estrutura tópico e comentário, abordada por Van Kuppevelt (1995a, 1995b e 1996). Os resultados obtidos nesse trabalho, baseados nos trechos de fala aqui analisados, mostram-nos que o MD *do ponto de vista (de)* exerce a função de marcador de introdução de novo comentário qualitativo. Essa função consiste em sinalizar que o falante pretende justificar uma posição assumida em um comentário quantitativo ou qualitativo prévios.

Embora tenhamos a consciência de que esse estudo apresenta um conjunto de casos ainda limitado, e que por isso as conclusões apresentadas são preliminares e sujeitas à revisão, acreditamos que este trabalho contribui para apresentar uma possibilidade de análise para os discursos que contêm o marcador discursivo *do ponto de vista (de)*. Essa análise permitiu que encontrássemos uma função própria para o marcador investigado, algo que ainda não havia sido feito na literatura linguística. Além disso, ao supormos que esse marcador discursivo pode ter outras funções, instigamos futuras pesquisas a respeito do assunto sob diferentes perspectivas.

Como perspectivas futuras, pretendemos analisar mais trechos de fala, a partir da perspectiva de Van Kuppevelt, para descobrir novas funções do marcador discursivo *do ponto de vista (de)* e para aprofundar a pesquisa sobre a função estudada, coletando um conjunto mais robusto de ocorrências. Além das análises qualitativas que já têm sido feitas, pretendemos agrupar as ocorrências para fazer a sua análise quantitativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACEDO, Alzira; SILVA, Giselle Machline de Oliveira. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria C. (Orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 403-425.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse markers: language, meaning, and context**. *The Handbook of Discourse Analysis*, 2001, p. 54-69.

VAN KUPPEVELT, J. **Discourse structure, topicality and questioning**. *Journal of Linguistics*, v. 31, no 1, p. 109-147, 1995a.

VAN KUPPEVELT, J. **Main structure and side structure in discourse**. *Linguistics*, v. 33, n. 4, p. 809-833, 1995b.

VAN KUPPEVELT, J. **Directionality in Discourse: Prominence Differences in Subordination Relations**. *Journal of semantics*, v. 13, n. 4, p. 363-395, 1996.